

BETAR & ARTES LETRAS

#97 | MAIO | 2018

IndieLisboa

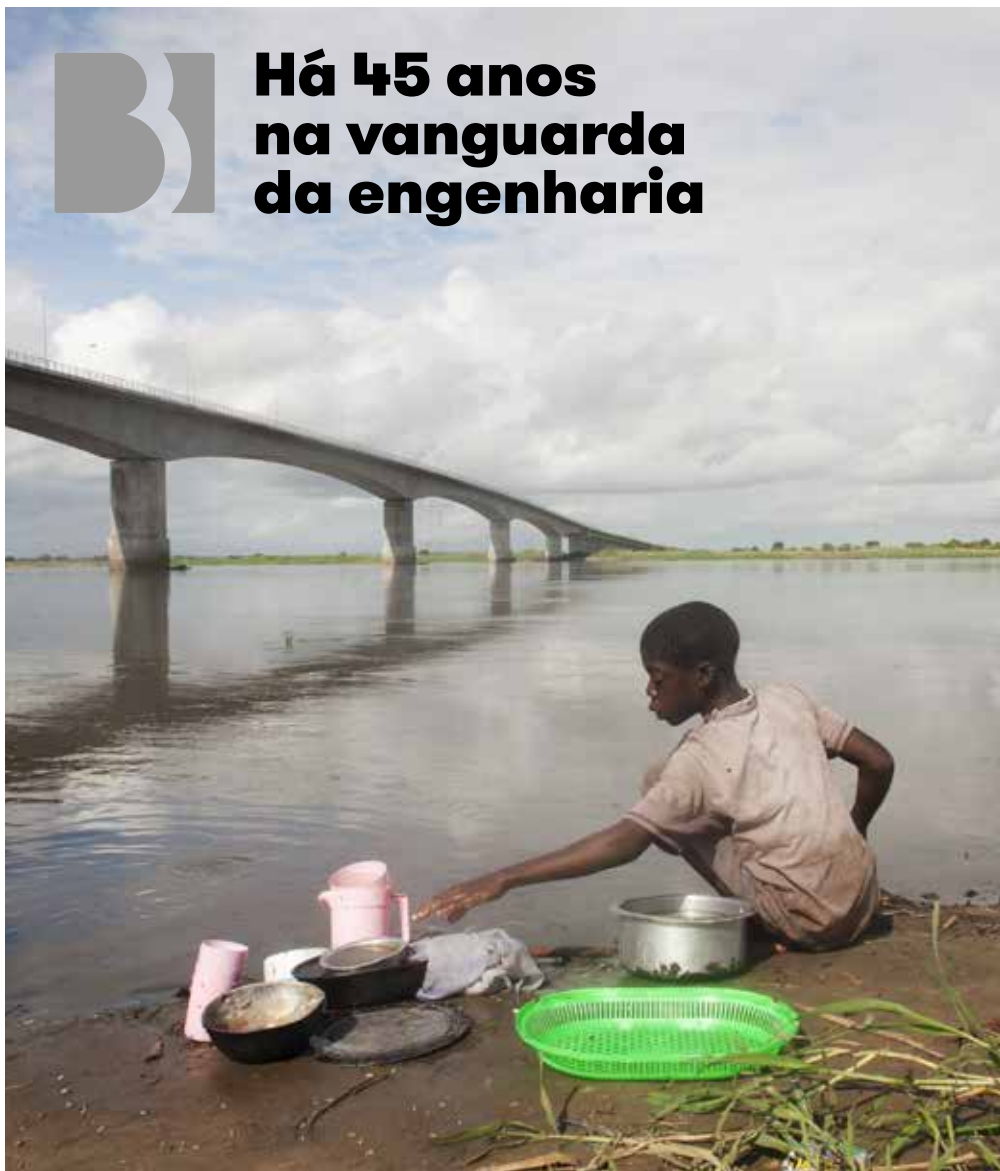
Mais de
250 filmes
para
descobrir
em 12 dias



B
Betar



Há 45 anos na vanguarda da engenharia



FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Maio está a chegar sem que a Primavera seja evidente, com o prolongar da chuva, tendo mesmo havido neve por algum Portugal que já não está habituado a estas condições agrestes. Abril deixa-nos, no entanto, com algumas incertezas em relação ao futuro próximo, com sinais indesejados de um possível regresso a uma reedição “remasterizada” da guerra fria. Por fim, não podia deixar este mês em paz, sem referir o “nosso” Cristiano, que marcou o que muitos já apelidam de “o golo de uma geração”, elevando ainda mais o seu estatuto de estrela e fazendo lembrar o golo de Pelé no filme de John Houston “Fuga para a Vitória”, mas neste caso ao primeiro “take”!

A nossa revista deste mês dá-vos um projecto de infraestruturas viárias que os lisboetas já tão bem conhecem, e que se trata do novo nó da 2ª Circular na ligação à zona do Campo Grande e Av. Padre Cruz, em Lisboa.

Culturalmente, o mês de Maio que se avizinha traz-nos diversas opções para que possamos ocupar os tempos livres.

Para os amantes do cinema independente, o festival IndieLisboa, que já conta com 14 edições, vai mostrar-se mais uma vez em algumas salas de cinema da capital durante doze dias. Este festival inclui ainda o Indie Júnior, com actividades para famílias e para um público mais jovem.

Na música, não podemos deixar de salientar a realização do Festival Eurovisão que, pela primeira vez em 63 anos, ocorre em terras lusas, evidenciando a tendência, aparentemente crescente, de que o mundo descobriu o caminho para Portugal.

Ainda na música, destaca-se o regresso de Ben Harper ao nosso país, desta vez acompanhado por Charlie Musselwhite, esperando-se uma sonoridade “blues” devidamente filtrada pelas características próprias destes dois artistas. No Porto destaca-se o concerto da Cristina Branco na Casa da Música.

Em Moçambique, destaca-se a realização da 5ª edição da MozTech – Feira de Tecnologia, no Centro de Conferências Joaquim Chissano, em Maputo.

A entrevista deste mês é feita aos arquitectos Wolfgang e Amélie Zichy, que nos falam sobre a sua experiência na reabilitação de edifícios em Portugal e na Bélgica, de onde são oriundos, e na forma individualizada e própria como encaram cada projecto, no qual os pormenores e detalhes são determinantes no resultado final, que se pretende sempre mais valorizado.

“AZUL história de uma cor”, é a proposta de leitura do arquitecto Raul Ceregeiro que nos fala de uma reflexão sobre o azul, cor que adquiriu diversos significados simbólicos ao longo da história, explicando-nos o papel de destaque desta cor em diversas áreas da nossa sociedade – pessoalmente, é a minha cor favorita.

Vítor Brito

editor

BETAR

Quando passar na 2ª Circular poderá lembrar-se que o novo nó viário que liga à Av. Padre Cruz é da autoria da BETAR



novo nó viário de ligação da 2ª Circular à Av. Padre Cruz, em Lisboa, é da autoria da BETAR, assim como o novo viaduto sobre a Av. Padre Cruz, no Campo Grande. A sua construção foi realizada sem interrupção de tráfego. A solução estrutural foi selecionada atendendo a esse condicionamento, tendo-se optado uma solução com superestrutura mista aço-betão executada em viga-caixão metálica na qual apoiam painéis de laje pré-fabricados em betão armado. Esta opção permitiu dispensar quaisquer apoios provisórios para a construção do tabuleiro, garantindo uma simplicidade estética que se impõe numa zona já densamente ocupada por diversas estruturas. A infra estrutura é composta por pilar e encontros em betão armado, fundados por estacas. A geometria das vias obrigou ainda à construção de muros de contenção da 2ª Circular realizados através de cortinas de estacas.

Nó viário de ligação da 2ª Circular à Av. Padre Cruz, Lisboa

Ano do projeto: 2016
Obra: construída
Dono da obra: Câmara Municipal de Lisboa
Especialidades: Projeto viário e Obras de Arte

À CONVERSA COM

Wolfgang e Amélie Zichy

'Numa obra, para explicar como aplicar os azulejos, fizemos um rectângulo no chão com a composição completa do que queríamos. Fazemos tudo, é de A a Z.'



WOLFGANG E AMÉLIE ZICHY

O Wolfgang e a Amélie conhecem duas realidades diferentes, a belga e a portuguesa. Quais as maiores diferenças no modo de trabalhar nos dois países?

W Nós focámo-nos na reabilitação. A Bélgica tem muita história e lá reabilita-se muito. Cá sempre se fez muita construção nova. Há cinco anos, viemos para Portugal porque gostamos muito de Lisboa e queríamos fazer reabilitação de edifícios no centro histórico. Atualmente há um interesse maior nisso. O crescimento do turismo terá ajudado, porque os estrangeiros querem ver a cidade antiga. Outra diferença é que, há 15 anos, em Portugal, a reabilitação era feita de forma profunda e hoje é feita de forma mais ligeira, mantendo-se o que se pode manter. Antes quase só ficava de pé a fachada, agora tenta-se que tudo o que pode ficar do edifício original fica.

A O que Portugal também tem de bom é que há muita mão-de-obra muito profissional e que trabalha ainda de forma artesanal, tanto ao nível de carpintaria como de serralharia. Conseguem-se trabalhos lindos porque isso ajuda muito. O facto de virmos de outro país dá-nos também outra visão. Quando chegámos, vínhamos com esse outro olhar e encontrámos imóveis incríveis que ninguém queria. Nós dizíamos: “comprámos um imóvel fantástico em Alfama” e os amigos portugueses admiravam-se: “são loucos, ninguém vive lá”. Mas nós apostámos nisso e foi bom para todos.

W Outra diferença que me ocorre, é

que na Bélgica temos muitas noções de estruturas, no curso temos áreas de engenharia. O responsável da estrutura em obra é o arquiteto. Em Portugal, percebemos pelos portugueses que trabalham connosco, não têm tanto essas noções, são duas áreas separadas. Às vezes, se não estamos na mesma linha, nós conseguimos explicar o nosso ponto de vista ao engenheiro e isso é importante. Com a BETAR a conversa resulta bem porque conseguimos falar sobre as nossas ideias e eles arranjam várias soluções, não nos impõem logo uma definitiva.

Como descrevem o conceito da AZ architecture?

A Procuramos sempre misturar antigo e moderno, preservar o original e dar um toque de modernidade com materiais contemporâneos. Fazemos uma combinação rigorosa para resultar num contraste que faça sentido. Há uma coerência no conjunto. Tentamos sempre manter as paredes, só reforçamos a estrutura para garantir a segurança. Sempre que possível, mantemos azulejos, portas e janelas originais. São coisas que dão muito valor. Fazemos de novo, com boa tecnologia e materiais, aquilo que necessita de ser novo para garantir o máximo de conforto. No caso das caixilharias, tentamos fazer em madeira, com molduras próximas do modelo original e com os desenhos da altura. Repomos portas antigas, que encontramos em imóveis em ruínas. Há coisas com um potencial gigante e



peças que recuperam esses objetos. É um prazer recuperar em Portugal e as pessoas dão muito valor.

W No caso da fachada atrás ser muito diferente ou ter elementos que não têm características fortes e marcas visíveis da antiguidade do edifício, fazemos de novo, com uma leitura mais contemporânea. Se tem, para além de mantermos, sublinhamos, colocamos em evidência. O que nos distingue é o gosto pelos pormenores, tudo é importante. Às vezes, nós próprios fazemos coisas em obra. Outro dia, fomos a uma obra e o empreiteiro não estava a perceber o que estávamos a dizer em relação ao modo de aplicar os azulejos. Então nós fizemos um retângulo no chão com a composição completa do que queríamos. Fazemos tudo, é de A a Z. E assim, implicamos as pessoas que trabalham na obra. Ficam a perceber que há um investimento pessoal da nossa parte. Eles gostam de aprender connosco e, muitas vezes, somos nós que aprendemos com eles, porque vamos às carpintarias ver a montagem dos móveis e as máquinas com que trabalham. E nessa altura, quem faz aquilo há 20 anos também nos pode explicar que de determinada forma pode ficar melhor.

A AZ Invest é uma parte da vossa empresa que adquire imóveis antigos para reabilitar. Falem-nos dessa vertente e do que querem para o futuro do atelier.

W Nós próprios procuramos imóveis, através de agências, visitamos os espaços, vemos logo o potencial, compramos e depois refazemos e vendemos. No fundo estamos a vender a nossa forma de trabalhar. Não é comum haver um investidor que também faz a parte da arquitetura e que pensa o edifício em termos de qualidade, mais do que em números. O nosso olhar é diferente logo no momento da visita ao imóvel. Pensamos na boa arquitetura como uma mais-valia para o investimento. Sabemos que não vale a pena fazer coisas com baixos custos, apostamos na qualidade e no caráter.

A Em relação ao futuro, gostamos desta escala, não queremos fazer projetos muito maiores e chegar ao ponto de não conseguir controlar os pormenores. Não interessa crescer para uma dimensão mais industrial. Temos tido muito sucesso com o nosso modo de trabalho, as pessoas começam a reconhecer o que fazemos e a procurar-nos.

SUGESTÕES

ARTES



Álvaro Lapa No tempo todo

Esta mostra é a mais abrangente retrospectiva da obra de Álvaro Lapa, autodidata e escritor, que vai deixar uma marca indelével em gerações consecutivas de artistas. Mais de 290 obras de vários períodos da carreira do artista, abrangendo pintura, desenho e os raros objetos que criou, evidenciam o seu extraordinário contributo para a arte contemporânea. Álvaro Lapa é uma das figuras mais enigmáticas da arte portuguesa do século XX, com um corpo de trabalho tão relevante e visualmente atrativo quanto elusivo. Ao longo de quatro décadas, Lapa desenvolveu uma exploração sustentada do território da pintura enquanto texto e da imagem enquanto pensamento. **ATÉ 20 DE MAIO**

Museu de Serralves, Porto

TEATRO

Morte de um caixeiro-viajante

O drama social e familiar por que passa Willy Loman não é culpa da sua bizzarria, excentricidade ou incompetência. É fruto daquilo a que se chamam “efeitos colaterais”. Ao perder o emprego, Willy dá conta de um outro mundo que passa por si e não se detém à sua espera. Nesta peça, que decorre na América do final dos anos 40 do século passado, ficamos com a amarga sensação de nos termos cruzado ainda ontem com personagens semelhantes. Essas sensações que vamos tendo devemos-las à mestria de Arthur Miller.

ATÉ 6 DE MAIO



Teatro Municipal Joaquim Benite, Lisboa
Encenação Carlos Pimenta
Interpretação Beatriz Godinho, Diogo Branco, Diogo Freitas, Ivo Alexandre, João Tempera, João Farraiá, Lígia Roque, Luís Gaspar, Pedro Walter, Sofia Marques, Tiago Sarmento

O destaque deste mês vai para o IndieLisboa que vai apresentar 250 filmes. A abertura e o encerramento do festival será com obras portuguesas



CINEMA

IndieLisboa

Na 15ª edição, o IndieLisboa traz mais de 250 filmes para descobrir em 12 dias e, pela primeira vez, vai abrir e encerrar com obras portuguesas. Entre uma e outra, haverá ainda quase cinco dezenas de novos filmes nacionais espalhados pelas várias secções do festival. Entre nomes consagrados do cinema de autor mundial como Eugène Green, Sérgio Tréfaut e Teresa Villaverde, há um que se destaca, o da realizadora argentina Lucrecia Martel que vai ser homenageada na secção Herói Independente com uma retrospectiva alargada do seu trabalho. A par disso, obras inéditas que não poderiam ser vistas de outra forma e ainda uma programação exclusivamente dedicada aos mais novos, o Indie Júnior, com filmes e atividades para cada faixa etária. **ATÉ 6 DE MAIO**

Culturgest, Cinema São Jorge, Cinema Ideal e Cinemateca Portuguesa

MÚSICA E DANÇA



Ben Harper & Charlie Musselwhite

DIA 1, NA AULA MAGNA, LISBOA

Ben Harper e Charlie Musselwhite estão de volta com um novo disco conjunto, “No Mercy in This Land”, que é a expressão musical da cumplicidade dos dois músicos. O álbum conta as experiências pessoais de Ben e de Charlie e toca na história coletiva da luta pelo sonho americano e da sobrevivência nos Estados Unidos da América.

Rui Massena

DIA 5, NO CASINO ESTORIL

A Rui Massena Band nasceu de uma plataforma de experimentação que vai para lá do clássico. O recurso à electrónica de vanguarda serviu para a criação de um universo sonoro, designado Neo-Clássico ou New Age, em que o piano continua a servir de guia, mas em que novas organizações musicais entram em jogo.



Eurovisão 2018

DE 8 A 12, NO ALTICE ARENA

Com a vitória de Salvador Sobral em Kiev, Portugal tem a honra de ser o país anfitrião da 63ª edição do Festival da Eurovisão. Entre 8 e 12 de Maio, 43 países juntam-se em Lisboa para celebrar a música no maior e mais antigo concurso musical da Europa. No dia 12 de Maio é a grande final, onde serão conhecidos os vencedores do concurso.

Cristina Branco

DIA 23, NA CASA DA MÚSICA, PORTO

Cristina Branco, uma das maiores cantoras e intérprete portuguesas da atualidade, irá apresentar o novo disco “Branco”, depois do prémio de Melhor Disco atribuído ao álbum “Menina”, pela Sociedade Portuguesa de Autores, em 2017, e da nomeação para Globo de Ouro na categoria de Melhor Intérprete Individual.



Concertos e óperas em maio por António Cabral

Fundação Calouste Gulbenkian

4/5 ÀS 21 HORAS [Grande Auditório]

Coro do T.N.S.C. e Orquestra Sinfónica Portuguesa, Dir. Graeme Jenkins; Rachel Nicholls (s.), David But Philipp (t.) e Roderick Williams (b.), interpretam o muito célebre “War Requiem”, op. 66 (1962) de Benjamin Britten (1913-1976).

5/5 ÀS 19 HORAS [Grande Auditório]

O pianista Radu Lupu (presença regular na Gulbenkian) interpreta Schubert e Schumann.

11/5 ÀS 21 HORAS E 12/5 ÀS 19 HORAS

[Grande Auditório]

Orquestra Gulbenkian; Dir. Hannu Lintu; um concerto do Sec. XX: Penderecki (“Trenos à memória das vítimas de Hiroxima”), Ricardo Strauss (“Metamorfoses”) e Chostakovitch (“Sinfonia no7”). As consequências das Guerras na memória destes compositores.

15/5 ÀS 21 HORAS [Grande Auditório]

Ludovice Ensemble; Dir. Miguel Jalôto com os nossos melhores cantores (aqui e lá fora) de música antiga (neste programa o Sec. XVII): Jean Baptiste Lully (1632-1687) (“Idylle sur la Paix”) e Marc-Antoine Charpentier (1634-1704) (“Les arts Florissants”).

18/5 ÀS 21 HORAS E 19/5 ÀS 19 HORAS

[Grande Auditório]

Orquestra Gulbenkian; Dir. Robert Ziegler ainda com música do Sec. XX: Richard Strauss (“Assim falava Zarathustra, op. 30”), John Adams (“Short ride in a fast machine”) e Gustav Holst (“Os Planetas”).

20/5 ÀS 18 HORAS [Grande Auditório]

A música da história da cidade de Granada pelos conjuntos “La Capella Reial da Catalunya” e “Hispèrion XXI” criados e dirigidos pelo Jordi Savall figura ímpar da Música Antiga não só da Espanha.

22/5 ÀS 21 HORAS [Grande Auditório]

Programa de Música Barroca e Bailado com o Ensemble “Il pomo d’oro”, o bailarino e coreógrafo Manuel Palazzo e a grande mezzosoprano americana Joyce DiDonato. No cravo e Direção Maxim Emelyanychev. O tema Guerra e Paz com o apoio de árias de Purcell, Haendel, L.Leo e N.Jommelli.

Centro Cultural de Belém

13/5 ÀS 17 HORAS [Grande Auditório]

Orquestra Sinfónica Portuguesa; Meiosoprano María José Montiel; Direção Musical Alexander Joel; no programa obras de Filipe Pires (1934-2015) (“Os Sons Abandonados”), Peter Lieberon (1946-2011) (“Canções de Neruda”), Richard Strauss (1864-1949) (“Suíte de O Cavaleiro da Rosa”)

20/5 ÀS 17 HORAS [Grande Auditório]

Orquestra Metropolitana de Lisboa; Nuno Silva (cl.); Dir Magnus Lindberg; obras deste grande compositor sueco (n. 1958) e de W. Lutoslawski (1913-1994): M. Lindberg (“Chorale”); M.Lindberg (“Concerto para clarinet e orquestra”) e W.Lutoslawski (“Concerto para Orquestra”).

PARA LER

C.J.Tudor O Homem De Giz

Toda a gente tem segredos. Nesta obra, tudo aconteceu há trinta anos. Eddie convenceu-se de que o passado tinha ficado para trás até ao dia em que recebeu uma carta que continha apenas duas coisas: um pedaço de giz e o desenho de uma figura. Ao longo da história, Eddie percebe que o jogo nunca terminou. Um mistério em torno de um jogo de infância que enveredou por um caminho perigoso. Segundo a crítica, trata-se de “um livro diferente, dentro do género thriller, imaginativo, com uma temática intrigante que abarca dois universos fascinantes”. “Uma história inteligentemente concebida e habilidosamente contada sobre segredos, mentiras e paixões distorcidas, um protagonista perturbado, um terrível assassinio que não era o que parecia ser e um monstro odioso no centro de tudo”.



Pepetela Se o Passado Não Tivesse Asas

Himba, treze anos acabados de fazer, perde-se do resto da família, vendo-se de repente sozinha no mundo. Sem outros meios que não sejam a sua inteligência, consegue chegar a Luanda, onde conhece Kassule, um menino de dez anos que perdeu uma perna devido a estilhaços de uma mina. Ambos órfãos vítimas da guerra, dependendo do lixo dos restaurantes, unem-se para conseguirem subsistir, lutando pela sobrevivência dia a dia.

Sofia, que há muito aguarda uma oportunidade para mudar de vida, aceita gerir um restaurante e está disposta a agarrar todas as oportunidades que lhe garantam uma vida melhor, a ela e ao irmão. Esta obra cruza duas histórias, duas grandes personagens femininas, numa narrativa original com um desfecho imprevisível, que retrata os últimos vinte anos da história de Angola.



AZUL. História de uma cor Michel Pastoureau

Em pouco mais de 200 páginas, formato de bolso, Michel Pastoureau, historiador especialista em heráldica, traça-nos a história das cores e dos seus pigmentos desde os primeiros registos históricos até aos nossos dias tendo por primeiro protagonista o

Azul. Descreve as sensibilidades, preconceitos e símbolos de cada período histórico mas, também, os aspectos técnicos inerentes ao fabrico dos pigmentos. Ficamos a saber como o Azul, não só por reservas culturais como pelas dificuldades técnicas na obtenção dos pigmentos, teve dificuldade em se implantar nos hábitos e cultura das sociedades europeias até à Alta Idade Média. E como, depois de ser reconhecido pela Igreja na sua Liturgia, pela Nobreza na sua Heráldica ou pela gente comum no seu vestuário, os seus tintureiros entraram em acesa competição com os de outras cores, sobretudo o vermelho, obrigando a disciplinadoras intervenções régias. Ou como, no período revolucionário, foi adoptada como cor da concórdia versus o vermelho, o da revolução. Ou como, os exércitos de Napoleão tiveram de mudar a cor azul dos calções devido ao boicote marítimo inglês que impediu a importação do Índigo da Índia e das Caraíbas. Ou como a meio do séc. XIX, um judeu americano, Levi Strauss, fabricante de toldos, após um mau negócio de feira, decidiu transformar a mercadoria em calças para homem e daí os “Blue jeans”. E, por fim, o modo como o Azul triunfou como cor da moda e, graças à sua neutralidade foi adoptado pelos principais organismos internacionais. É um estudo sem imagens de carácter histórico-técnico-antropológico que se lê de um fôlego.



**Um livro inesquecível
por Raul Cerejeiro**

OPINIÃO

NO MUNDO



Die Soldaten Teatro Real, Madrid

Este mês estará em cena no Teatro Real, em Madrid, a primeira versão do “Die Soldaten”, a única ópera de B.A. Zimmermann e uma das principais obras do século XX que, devido à sua extrema complexidade dramática, representa um grande desafio. Com direção musical de Pablo Heras-Casado, Calixto Bieito enfrentará a adaptação deste magnífico trabalho, que nos mostra seres humanos presos num ambiente social medíocre, onde a razão sucumbe às circunstâncias. **DE 16 DE MAIO A 3 DE JUNHO**



Picasso 1932: amor, fama, tragédia Tate Modern, Londres

O ano de 1932 foi intensamente criativo na vida do artista mais influente do século XX. Mais de 100 pinturas, esculturas e desenhos de Pablo Picasso, misturados com fotografias de família, bem como três das suas pinturas extraordinárias com sua amante Marie-Thérèse Walter, estão agora em exibição na Tate Modern, em Londres. Os mitos em torno de Picasso serão eliminados para revelar o homem e o artista na sua total complexidade e riqueza.

Tate Modern, Londres **ATÉ 9 DE SETEMBRO**



A viagem de Thomas Cole MET, Nova Iorque

Considerado um dos pintores de paisagem mais proeminentes da América do século XIX, dentro de um contexto global, Thomas Cole, que nasceu no norte de Inglaterra no início da Revolução Industrial (1801), inspirou uma nova geração de pintores americanos. Imigrou para os EUA mas viajou extensivamente por Inglaterra e Itália. Esta exposição apresenta, pela primeira vez, a obra do artista decorrente das suas raízes e viagens pela Europa.

ATÉ 13 DE MAIO

MOÇAMBIQUE



MÚSICA Wazimbo Mavie's Bar & Lounge

Humberto Carlos Benfica, conhecido como Wazimbo, é uma das maiores vozes de Moçambique. Em Lourenço Marques (atual Maputo) começou como membro vocal do grupo local “Silverstars” e depois “Geiziers”. Mais tarde juntou-se à Orquestra Marrabenta Star de Moçambique. Depois de se tornar extremamente popular em Moçambique, o grupo fez vários concertos pela Europa e lançou dois CD's. Ambos apresentavam uma mistura variada de estilos. A banda separou-se em 1995 e desde então Wazimbo lançou uma carreira a solo, com muito sucesso. Este mês, atua em Maputo. **DIA 4 DE MAIO**

ARTES

Azgo Universidade Eduardo Mondlane, Maputo

O Azgo é o melhor festival internacional de artes de Moçambique, que reúne um programa diversificado, e de qualidade, ao nível da música, cinema e dança, em Maputo. O Azgo, que vai na 8ª edição, é uma celebração contemporânea de artes e cultura, com um forte foco em artistas de Moçambique e do restante continente africano. O festival serve como uma plataforma para artistas emergentes e aclamados colaborarem e conhecerem um novo público. O nome Azgo é uma velha gíria de Maputo para dizer “vamos lá”. Vamos revisitamos as culturas e património de Moçambique, vamos promover as artes e a diversidade cultural. **DIA 19 DE MAIO**





Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**Nó viário de ligação
da 2ª Circular à Av. Padre Cruz**